

# IDENTIDADES RENEGADAS E A ESCRITA FEMININA FRENTE À HISTORIOGRAFIA TRADICIONAL: ENTREVISTA COM ARIADNE MARINHO

RENEGADE IDENTITIES  
AND FEMALE WRITING  
IN FRONT OF  
TRADITIONAL  
HISTORIOGRAPHY:  
INTERVIEW WITH  
ARIADNE MARINHO

IDENTIDADES  
RENEGADAS Y  
ESCRITURA FEMENINA  
FRENTE A LA  
HISTORIOGRAFÍA  
TRADICIONAL:  
ENTREVISTA CON  
ARIADNE MARINHO



doi\* 10.5935/2177-6644.20230027

**Kamila Dinucci Correia Silva \***


iD <https://orcid.org/0000-0003-0522-5850>


**Valeska Bassi de Souza \*\***

iD <https://orcid.org/0000-0003-4323-6593>

É com um grande prazer que apresentamos ao público leitor a entrevista realizada com Ariadne Marinho, acontecida no mês de março de 2023. Neste diálogo, Ariadne compartilhou as experiências de construir a sua trajetória enquanto mulher, historiadora, pesquisadora-professora e mãe de dois meninos. Ela é mestra e doutora em História pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso (2013 - 2022). Possui graduação em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (2010) e organizou, ao lado de Thiago Costa, a obra *O Jardineiro de Napoleão: Alexander von Humboldt e as imagens de um Brasil/América (sécs. XVIII e XIX)* (2019). Ariadne também é docente na rede estadual de educação de Mato Grosso, atuando no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT) e pesquisa nas áreas de História: História da Doença, Filosofia Contemporânea, Instituições Totais e Biopoder, Relações de Gênero e Análise do Discurso.

Recentemente, defendeu a tese de doutoramento intitulado *Réquiem para o não esquecimento, nos caminhos do São Julião Experiências e sobrevivências de hansenianas/os no interior de um asilo-colônia (1941-1989)*, Universidade Federal de Mato Grosso, no ano de 2022. Além disso, Ariadne publica textos na coluna *À deriva*, na revista eletrônica *Ruído Manifesto*. Com

\* Doutoranda em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), com bolsa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES).   
<http://lattes.cnpq.br/5399938620501132> - E-mail: [kamiladinucci@yahoo.com.br](mailto:kamiladinucci@yahoo.com.br).

\*\* Doutoranda em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), com bolsa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES).   
<http://lattes.cnpq.br/2273260960558913> - E-mail: [valeska.bassis@gmail.com](mailto:valeska.bassis@gmail.com).

uma bagagem profissional admirável, o seu posicionamento afetivo, sensível e humano sempre acompanha os seus escritos, o que rompe com a concepção de produção de conhecimento tradicional e hegemônica. Nesse sentido, é uma alegria acompanhar o seu trabalho e nos interessa conhecer quais são os seus olhares diante questões acadêmicas e não acadêmicas que atravessam as suas vivências.

## Entrevista

**Entrevistadoras:** Ariadne, primeiramente obrigada por nos conceder essa entrevista, estamos imensamente felizes por poder conversar com você. Gostaríamos, inicialmente, que nos apresentasse seu percurso acadêmico, seus temas de pesquisa da graduação ao mestrado.

**AM:** Bem, eu venho de família humilde, de mãe solo, de modo que entrar na universidade foi algo muito importante. Fui a primeira na minha família, inclusive. Mas, inicialmente, entrei no curso de Filosofia da UFMT, em 2005. Depois de três anos, com tantas leituras e crises, optei por outro curso, finalmente a História. Nesse meio tempo, entre a Filosofia e a História, fui diagnosticada com dislexia. E, então, dentro da universidade, fui *realfabetizada*. Em 2007, já na História, fui acometida pela enfermidade que me acompanharia e seria meu objeto de pesquisa: a hanseníase. Foi um período muito difícil, tinha que conciliar o tratamento com as aulas, durante dois anos; sobretudo, porque perdi a mobilidade da mão e do pé direitos. Não conseguia segurar um lápis, não tinha força. Andava arrastando o pé. Eu morava em Várzea Grande na época, precisava pegar dois ônibus para ir para universidade, mais dois para voltar para casa. Eu era bolsista PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) com o querido Dr. professor Otávio Canavarros. Foi nesse tempo que aprendi sobre o estigma e o preconceito que ainda imperam em relação ao doente de hanseníase. Durante o tratamento, ao frequentar o ambulatório 3, de doenças infecto contagiosas, no Hospital Universitário Júlio Muller, percebi que deveria pesquisar a história das doenças. Logo comecei a estudar os registros sobre a enfermidade e escrevi e defendi meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), em 2010, sobre a hanseníase/lepra em Cuiabá em meados do século XIX (MARINHO, 2010). Não me dei por satisfeita e, no mestrado, ampliei a pesquisa. Passei a investigar os documentos sobre a lepra/hanseníase durante o período da ditadura do Estado Novo. Conciliar a maternidade com a escrita de dissertação foi um desafio. Não apenas a maternidade, mas também o mercado de trabalho e a vida acadêmica. Na verdade, foi uma loucura. Um dos momentos mais difíceis da minha vida. Defendi a dissertação em maio de 2013. Eu estava exausta,

esgotada. Tanto que só pensei em realizar o doutorado em 2018, cinco anos depois. Em junho ou julho desse ano, fui visitar o hospital-fazenda São Julião, em Campo Grande/MS, e aí conheci algumas pessoas que me fizeram perceber a grandiosidade da história e da memória, seja das pessoas com quem interagi, seja da própria instituição. O São Julião era o antigo leprosário da região, foi fundado em 1941, por Getúlio Vargas, e ao seu redor criou-se um bairro ligado ao hospital. Concluí a tese em 2022. Mas a pesquisa ainda não acabou. Nunca acaba.

**Entrevistadoras:** Tivemos o conhecimento da sua tese defendida, intitulada como *Réquiem para o não esquecimento, nos caminhos do São Julião. Experiências e sobrevivências de hansenianas/os no interior de um asilo-colônia (1941-1989)*. Como essa pesquisa foi realizada?

**AM:** A ideia da pesquisa surgiu dentro do próprio São Julião, na visita que mencionei. No hospital-fazenda, conheci uma realidade que jamais poderia imaginar apenas lendo os arquivos. Encontrei pessoas que estavam internadas por mais de 50 anos, que haviam passado vidas inteiras ali dentro e que não conseguiam mais sair dali, mesmo curadas. Algumas sequer apresentavam sintomas de hanseníase no momento da internação. Então, percebi as questões de gênero e violência de classe que envolveram a criação e manutenção dessas instituições – que eu trabalho na perspectiva do sociólogo Erving Goffman (2015), de “instituição total” – e que tangencia a problemática da doença. Junto com as entrevistas, as fotografias também me impressionaram muito. Minhas fontes foram, então, basicamente, os depoimentos, o acervo fotográfico, alguns documentos disponibilizados, assim como a literatura de Lenilde Ramos e a poesia de Lino Villachá<sup>1</sup>, escritora e poeta que viveram no São Julião. Por meio de todo esse material, compreendi que mesmo com a tristeza, o abandono e a ideia persistente da morte, dentro do isolamento social florescia estratégias de sobrevivência e vida. Havia interação entre as/os internas/os, celebração em datas comemorativas, amizades, namoros, casamentos. Claro, a violência existia; a opressão. Mas também o esforço de construção de uma cotidianidade, de um seguir enquanto a morte não vem. O que por um lado quebra a ideia de uma “instituição total”. Pelo senso-comum, a internação compulsória implicava em inércia, em completa alienação da sociedade, dos laços exteriores. Pelo conceito de Goffman (2015), o comportamento individual era todo manipulado, medido, vigiado. O que pudemos constatar é que não era bem assim ali no São Julião. Havia movimento, tensionamentos, margem para ação. E resistência.

<sup>1</sup> Nota do Editor: Cabe destacar que a entrevista é uma das autoras do artigo *O poeta da casa dos vivos: a memória da lepra na literatura de Lino Villachá (1933-1994)*, que compõem o presente dossiê.

**Entrevistadoras:** Na tese, você denuncia sobre o descaso do Estado e do desconhecimento popular sobre o asilo-colônia de São Julião. Como professora-pesquisadora, você compartilha a sua pesquisa com a comunidade escolar? Se sim, quais respostas você obteve ao expor a sua pesquisa?

**AM:** Gosto muito do tema da minha pesquisa. E é fácil trabalhá-lo em sala de aula. Gosto, por exemplo, de expor as/aos alunas/os a existência de diversos tipos de campos de concentração na história recente do Brasil. Gosto de expor os microcosmos de violência dirigidos pelo Estado contra a população mais pobre, a população mais carente, marcada por questões raciais e de gênero. Em aula, faço comparação com a pandemia. Explico como o Estado promove uma “bio-necropolítica” contra aquelas/es que estão na margem da sociedade. Eu separo duas aulas para apresentar o meu trabalho; trago fotografias e reportagens de outros leprosários. O tema é pesado. Vejo sempre no semblante das/os estudantes o espanto. Cito a lei antimanicomial (BRASIL, 2001) para mostrar que os aprisionamentos compulsórios existiram até bem recentemente. E, na verdade, existe ainda. Com um judiciário racista e a política estatal de extermínio de pobres. Na minha tese e em minhas aulas, uso as estatísticas, como o mapa da violência no Brasil, por exemplo, que mostra que a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado e que a cada 13 minutos uma mulher é violentada no país. Sou professora em escolas públicas, minha audiência é predominantemente de gente carente. E a hanseníase ainda é uma “doença de pobre”, que acomete aquelas/es em vulnerabilidade alimentar, em situação de vida precária. Mato Grosso permanece como um dos estados de maior incidência de hanseníase. E o Brasil perde apenas para a Índia em dados absolutos de diagnósticos da doença. Então, eu falo de uma realidade que para elas/es é cotidiana.

**Entrevistadoras:** Na sua coluna *À Deriva*, no blog Ruído Manifesto, você traz dois textos de duas autoras que aparecem também como fundamentais na sua tese. Com a Sara Ahmed você pensa o “fatalismo de gênero”, a partir do relato de uma estudante. Com bell hooks o silenciamento de grupos subalternizados e o “olhar oposicional”. Como você, enquanto mulher, conseguiu trabalhar com questões tão sensíveis e violentas vivenciadas pelos sujeitos femininos que pesquisou em sua tese? Como isso te impactou diretamente?

**AM:** Para Sara Ahmed (2022) o mundo é uma “bricolagem” de nós mesmos. E a escrita deve ser sensacional, de sensação, afetação sensível. Já hooks (2017) trata da resistência, não a resiliência.

Ao longo da pesquisa, além das duas autoras, encontrei outras que também criticavam a escrita acadêmica, aquela escrita que acentuava a distinção entre quem escrevia e aquela/e sobre quem se escrevia. Não era o meu caso, já que o tempo todo eu me via naquela situação... isto é, eu tinha plena clareza que se tivesse nascido em outra época, também seria encarcerada, esquecida, exposta aos numerosos atos de violência que menciono na tese. Como aquelas que conheci e entrevistei. Eu não teria a oportunidade de ver meus filhos crescendo ou de tornar-me pesquisadora. Por isso, e por lidar com relatos tão brutais, tentei incorporar na minha escrita uma leveza que deveria matizar o conteúdo de violência que ouvia e lia. Tentei amenizar a narrativa – que já era pesada – com uma prosa menos carregada de tecnicismos e jargões. E as duas autoras mencionadas, Ahmed e hooks, colocam questões muito sensíveis para nós mulheres. Assim, ao abordar o cotidiano no São Julião, repleto de interdições e crueldade, me inspirei na escrita delas. A intenção era dotar de dignidade aquelas/es que por muito tempo foram rejeitadas/os e excluídas/os.

**Entrevistadoras:** Além da questão de gênero, você também lidou com a questão racial, a partir de Felício Silva, homem negro também internado no São Julião. Como você entende que o racismo atuou sobre a vivência deste sujeito e como ele ainda opera dentro e fora do ambiente das instituições, sejam elas hospitalares, de reclusão, etc.?

**AM:** Sim, na tese abordo a questão da dignidade humana e de gênero. Não me aprofundo na problemática racial. A documentação com a qual trabalhei era escassa e os registros que explicitaram a temática racializada eram ainda mais insuficientes. Mas o silêncio da documentação reflete senão o silenciamento imposto à parcela majoritária do povo do país, tornada invisível e anônima. Tornada, enfim, indigente. Os registros oficiais, ou seja, o Boletim Epidemiológico da Secretaria de Vigilância do Ministério da Saúde, publicado anualmente, demonstra que a maioria dos novos hansenianos no Brasil é de pretos e pardos. Ademais, a hanseníase é recorrente em espaços de vulnerabilidades, sobretudo, alimentar e sanitária, onde a população é prioritariamente de pretos e pardos. Como cadeias e bairros periféricos. Deste modo, sabemos que existiam hansenianos pretos em São Julião, talvez a maior parte, ainda que as fontes consultadas não reportem esse dado. Penso que seja um tema para pesquisas futuras.

**Entrevistadoras:** Quais questões que apareceram durante a pesquisa de tese e você acha fundamentais destacar e quais acabaram ficando de fora, mas que seu olhar de agora, ou seja, de

distanciamento, consegue perceber?

**AM:** Entre as várias descobertas que me impressionaram, acho que os suicídios e os estupros sistemáticos de homens contra as mulheres – que se escondiam no pavilhão 35 – foram as que mais me afetaram. A administração do São Julião foi entregue para a Igreja Católica em 1970, e por se tratar de uma instituição religiosa, profundamente conservadora, os dados sobre internas/os homossexuais também foram silenciados e ocultados. Havia relacionamento entre homens? E entre mulheres? No auge das internações, eram quase 400 homens para 60 mulheres. A maior parte era de gente amputada, que estava realmente – e literalmente – apodrecendo, perdendo dedos, mãos, pernas e narizes. Havia ali dentro relações de poder, embate entre diferentes forças; uma opressão que era exercida também pelas/os próprias/os internas/os. Não apenas pelas/os gestores, mas também pelos representantes do Estado. E veja: eu não tive acesso ao arquivo do hospital, mas apenas aos documentos selecionados e disponibilizados pela própria instituição. Então, estas três questões – os suicídios, os estupros e as relações homossexuais – não puderam ser abordadas de modo que eu gostaria. Da mesma forma que a problemática racial. Existe ainda muito trabalho a ser feito.

**Entrevistadoras:** Você tem muitas publicações no *blog* Ruído Manifesto, além das já mencionadas acima. Esses textos apresentam um encontro da Ariadne com a poesia, a pesquisa, a maternidade e ser mulher no século XXI. Publicar esses textos são, de alguma maneira, transgredir as regras que o espaço acadêmico não permite?

**AM:** Não diria transgredir, mas sem dúvida superar as limitações do espaço acadêmico. A academia nos cerceia, vocês sabem disso. A academia é uma instituição medieval ainda pautada pela tríade homem-branco-hétero. Mesmo que os discentes tenham se diversificado, o que vemos nos espaços de poder, de tomada de decisão, em salas de aulas, ainda é a reprodução desse perfil. E na coluna eu não tenho amarras, eu consigo me expor e expor aquilo que considero que deva ser denunciado, incluindo a conduta de muita gente que responde pela academia. Como pesquisadora, emprego sempre o método científico. E penso que precisamos ter compromisso com a verdade, sobretudo, uma verdade classista, feminista e anti-racista.

**Entrevistadoras:** Em um dos seus manifestos sobre a vida como professora-pesquisadora, você

escreve: “Hoje sou professora porque antes pude – tive o privilégio e a força – de atravessar as águas tempestuosas de uma universidade”. Na sua tese você curiosamente escreveu seus agradecimentos, poderia nos dizer quais foram suas maiores dificuldades com a academia?

**AM:** Certamente que agradeço a academia, pois ampliou minhas possibilidades de vida, meus caminhos. Eu tive a oportunidade de desenvolver uma trajetória de formação em ensino superior, com um bacharelado/licenciatura, mestrado e doutorado, em uma universidade integralmente pública, na qual fui contemplada, em todos os estágios, com bolsa remunerada de estudos (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES). É fundamental reconhecer o privilégio que pude desfrutar, notadamente ao considerar o horizonte de precarização da educação pública no Brasil. Quando fui diagnosticada com dislexia, ainda no curso de Filosofia, passei um ano inteiro em um processo de re-alfabetização, com terapia e acompanhamento com uma psicóloga e uma pedagoga, fornecidos pela universidade. Então, se hoje sou professora-doutora, pesquisadora, foi porque antes pude atravessar as águas tempestuosas de uma universidade pública, gratuita e (nem sempre) de qualidade. Mas isso não a exime de críticas e responsabilidades. A academia é um universo esquizofrênico... vive fechado em si e para si. Durante a pandemia, departamentos de saúde dentro das instituições foram importantes, inclusive, na fabricação de uma vacina. Seus produtos têm relevância na sociedade. No entanto, os assédios e os crimes que se cometem lá dentro raramente são punidos. Existe um corporativismo que protege os canalhas. E o assédio é algo comum. Muita gente desiste, evade da universidade. Veja o caso do professor da USP<sup>2</sup>, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Microbiologia. Muitas alunas precisaram fazer denúncias até que pudessem tomar alguma medida. Olha a posição de poder que esse cara mantinha lá dentro. E o caso do professor da UFRJ<sup>3</sup>, que foi denunciado em 2013, mas apenas em 2019 a universidade – não o professor – foi condenada a pagar uma indenização para a aluna. Demorou seis anos em um dispendioso processo civil. Seis anos na universidade é tempo de três mestrados, é o tempo de um doutorado e um mestrado juntos. E o graduando em direito na Bahia que se matou, no meio da defesa de TCC, após ser avacalhado, humilhado por uma professora da banca? Nem vou mencionar aqui o professor da UFPR que ficou famoso no *tiktok* recentemente<sup>4</sup>. É só procurar. É preciso ter estômago e muita força de vontade, sobretudo, se você é de origem carente, para continuar, porque vai ter gente lá dentro jogando pedras em você. E se eu

<sup>2</sup> Ver publicação: Professor da USP é demitido após denúncias de assédio sexual. [Folha de São Paulo](#), 2021.

<sup>3</sup> Ver publicação: Professor da USP é demitido após denúncias de assédio sexual. [Revista Piauí](#), 2021.

<sup>4</sup> Ver publicação: Aluna denuncia professor da UFPR por episódios de assédio moral. [CNN Brasil](#), 2023.

faço essa crítica, é porque reconheço a sua importância na vida das pessoas. É preciso mais humanidade e menos discurso. É preciso criar uma rede de proteção efetiva, célere, desburocratizada, dirigida inclusive para as/os professoras/es, que sofrem pressão para produzir, publicar, elaborar relatórios, etc.

À parte a incompetência calculada de parte de docentes, direção e governos, encontramos estudantes tão deslocadas/os quanto nós mesmos. Pessoas que se tornam nossas amigas para a vida toda, amantes que se tornam companheiras/os. Existe, ao lado de todos os defeitos, também há espaço para acolhida, fraternidade, sororidade. E eu experimentei muitas faces da UFMT.

**Entrevistadoras:** Como é ser uma mulher pesquisadora, mãe e profissional da educação e, ao mesmo tempo, ter uma produção e escrita assídua como você tem, sobretudo fora da universidade? Como é escrever para um público não acadêmico?

**AM:** Um desafio. Para a sociedade, o ser mulher implica necessariamente em ser mãe, a agente cuidadora. Isso restringe as possibilidades de trabalho. E é difícil conciliar as tarefas cotidianas com a prática da pesquisa. Já que a pesquisa está em outra margem. Precisamos cruzar um rio de obstáculos, um oceano inteiro, para alcançá-la. Apesar da luta, que é diária, temos conseguido produzir pesquisas potentes e urgentes. Já a domesticação da escrita é outro fator dispendioso, árduo. Mas é apenas mais uma etapa na disciplina e no método que desenvolvemos em nossa carreira. É pela palavra escrita que nossa voz interage e atinge a/o outra/o. As feministas, historiadoras, devem saber escrever, falar, não somente aos seus pares. De outro modo, não seremos ouvidas pela sociedade. Esse é um dos problemas da academia: restringir seus enunciados e discursos aos círculos restritos de sua audiência regular; discentes, docentes, colegas. E ignorar as/os demais. Mantém-se, assim, aquela distância entre quem escreve (a intelectual) e sobre quem se escreve (a mulher, a classe trabalhadora, etc.). Afinal, não é da universidade que virá a revolução.

**Entrevistadoras:** Ariadne, agradecemos novamente sua disponibilidade para essa conversa, estamos imensamente felizes por podermos publicar suas palavras e conhecimentos, e que eles possam inspirar tanto aos acadêmicos, quanto ao público em geral. Você gostaria de dizer algo não contemplado pelas perguntas? Seus planos futuros, pesquisas em andamento, projetos?

**AM:** Agradeço o espaço e convido a/os leitoras/es a acessar os textos da minha coluna *À deriva*, na



Revista online, *Ruído Manifesto*<sup>5</sup>.

## Referências

- AHMED, Sara. **Viver uma vida feminista**. Traduzido por Jamille Pinheiro Dias et. al. São Paulo: Ubu Editora, 2022
- AHMED, Sara. **The promise of happiness**. Durham and London: Duke University Press, 2010.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**. Notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1961.
- HOOKS, bell. **O olhar oposicional: espectadoras negras**. In: Traduções da Cultura. Perspectivas críticas feministas (1970-2010). Florianópolis: Editora UFSC, 2017.
- MARINHO, Ariadne. **A lepra: mancha anestésica e morte anunciada no isolamento social em Cuiabá de 1850 a 1900**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História), Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, 2010.
- MARINHO, Ariadne. **Lepra/Hanseníase: Mancha anestésica e segregação social no Estado Novo**. Dissertação (Mestrado em História). Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, 2013.
- MARINHO, Ariadne. **Réquiem ao não esquecimento, nos caminhos do São Julião: Experiências e sobrevivências de hansenianas/os no interior de um asilo-colônia (1941-1989)**. Tese (Doutorado em História), Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, 2022.
- MARINHO, Ariadne; CAMPOS, Dejenana Keila Oliveira; SANTOS, Thiago Rafael da Costa. O poeta da casa dos vivos: a memória da lepra na literatura de Lino Villachá (1933-1994). **Revista Tempo, Espaço e Linguagem**, v. 14, n. 1, 2023.

*Recebido em: 10 de março de 2023.*

*Aprovado em: 22 de abril de 2023.*

---

<sup>5</sup> Ver coluna: À Deriva, [Revista Ruído Manifesto](#).